

# COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 634

5.º ANNO 1877

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1,5600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,5000 rs e sendo duas 3,5600 rs.—Semestre 1,5050 rs.—Brazili, anno 3,5600 rs.—Semestre 1,9000 rs. moeda forte, ou 8,5000 reis e 4,5500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

## BRAGA—QUINTA-FEIRA 3 DE MAIO

Parece incrível, mas é verdade. Quem diria, que neste seculo, e neste paiz de tanta... liberdade havia quem se atrevesse a dar ao governo o conselho, de que negasse aos Prelados licença para irem a Roma?

Licença? e haverá Prelado, que a peça? Parece-nos poder afirmar, que não. A Igreja Catholica tem uma hierarchia propria, da qual nos não consta, que faça parte o governo portuguez.

Este pôde sim dar ordens aos funcionarios do Estado, que lhe são subordinados.

Mas nem os Bispos são empregados do Estado, nem por fórma alguma se podem dizer subalternos do poder leigo, em tudo quanto disser respeito a negocios ecclesiasticos.

Os governos dos Estados gosam apenas na Igreja dos privilegios e prerogativas, que esta lhe concede.

E não nos consta, nem sabemos de prerogativa nenhuma, pela qual o governo possa arrogar-se o direito de conceder ou negar tal licença.

Egreja e Estado são dois poderes distinctos, e independentes, governando-se uma e outro separadamente e com direitos proprios.

Como pois o pretender-se, que um Bispo, para ir visitar o seu Chefe natural, tenha que pedir licença ao governo, do qual nada depende nem a auctoridade, nem a dignidade de que se encontra revestido?

D'onde vem pois uma tal pretensão? Que saibamos, só o odio e a raiva, com que é vista a presente manifestação pelos inimigos da Igreja, a podem explicar.

Diz-se, que o Bispo deve estar subgeito ao poder leigo, por isso que este o subsidia.

Não é de boa fé esta argumentação. Todo o mundo sabe, que esse pouquissimo, que o governo dá aos Bispos, e que frequentemente está sendo ainda

mais reduzido, não é mais do que uma pequenissima compensação do muito e muito que lhes foi usurpado.

Restituam á Igreja tudo quanto lhe roubaram, que os Bispos, estamos certos d'isso, de bom grado cedem da magrissima prestação que recebem do thesouro.

O que recebem é d'elles, e não tem que ficar obrigados ao Estado por lh'o dar.

Fundamentar pois em taes razões a pretendida dependencia, é mostrar, que ella não tem razão de ser.

Repetimos: estamos certos de que não haverá Bispo nenhum, que abduque por tal fórma a sua dignidade e independencia, pedindo uma licença a quem não compete.

E por esta fórma o governo poderá satisfazer os desejos dos espertos, que lhe pedem a negue, pois que não terá logar de a conceder.

## GAZETILHA

**Chegada.**—Cerca do meio dia d'ante-hontem tomou posse do governo civil de Braga, para que ultimamente fôra nomeado, o exc.<sup>mo</sup> sr. marquez de Valhada.

A sua entrada foi brilhante, e apparatusa, como nunca se deu com nenhum governador civil n'esta cidade.

Na Trofa e limites do districto foi s. exc.<sup>a</sup> esperado pelos membros do conselho de districto.

Em Villa Nova de Famalicao recebeu os cumprimentos das autoridades e varios cavalheiros da localidade.

Em Nine esperavam-no a camara, autoridades e outros cavalheiros de Barcellos, os quaes, assim como alguns parochos das freguezias proximas das estações de Arentim e Tadin, acompanharam o nobre marquez. Naquelle estação, assim como nas intermediarias, tocou á sua chegada uma banda de musica.

Logo que o comboio parou na estação d'esta cidade, tres girandolas de foguetes

e uma banda de musica annunciaram a chegada do novo magistrado. S. exc.<sup>a</sup> entrou no seu coche d'estado, que fôra mandado de vespera, fardado de par do reino, e official mór da Casa Real, com a gran-cruz da Conceição, e dirigiu-se ao edificio do governo civil, acompanhado de trinta e seis caleches.

Na gare esperavam s. exc.<sup>a</sup> a camara municipal incorporada, o sr. conselheiro Marques Murta, chefes e todos os empregados do governo civil, administração do concelho, repartições da fazenda e obras publicas, reitor do lyceu, alguns arceprestes e muitos cavalheiros tanto d'esta cidade como da de Guimarães. O povo era innumero tanto na gare e avenidas da estação, como nas ruas do transitio. N'estas todas as casas estavam adornadas com damascos.

Depois de lavrado o auto de posse, que o nobre marquez assignou com os srns. visconde de Pindella, presidente da camara, e deputado Jeronymo da Cunha Pimentel, s. exc.<sup>a</sup> pronunciou um eloquente discurso, no qual em breves mas significativas palavras expoz o seu programma de governo, o qual se resume em—*Justiça e Tolerancia politica.*

Praza aos ceos que este programma seja sempre cumprido, como estamos certos o será fielmente.

Entre os assistentes, que eram numerosos, vimos os exc.<sup>mos</sup> srns. viscondes de Lindoso, Pindella e Negrellos, barões de Joanne e Trovisqueira, cinco deputados, etc., etc.

Junto ao edificio do governo civil tocavam duas bandas de musica.

**Festividade.**—Tem hoje logar no templo de Santa Cruz a festa do Bom Jesus dos Passos, havendo missa solemne a instrumental, Exposição, e sermão, e procissão de tarde em volta do campo dos Remedios.

**Contribuições.**—Do dia 7 d'este mez até ao dia 5 de junho acha-se aberto o cofre das contribuições industrial, renda de casas e sumptuaria do anno de 1876.

**Vistas stereoscopicas.**—Tem sido enorme a concorrencia de pessoas á bella

exposição de vistas stereoscopicas de Mr. Jovani, no campo de Sant'Anna.

Hoje são as vistas mudadas.

**Negocios ecclesiasticos.**—O «Diario» publica os seguintes despachos:

O presbytero Pedro Teixeira Ramos, apresentado na igreja parochial de Santo Antonio do Ameixial, diocese do Algarve.

O presbytero Manoel Antonio Torres, apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Santa Margarida da Fundada, diocese de Castello Branco.

O presbytero Justino Antonio Pereira do Paço, apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção do Lamegal, diocese de Pinhel.

O presbytero José Luiz Monteiro Junior, apresentado na igreja parochial de S. Martinho de Macieira de Alcoba, diocese de Aveiro.

O Presbytero Manoel Pires de Almeida, apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição do Manigoto, diocese de Pinhel.

O presbytero Pedro Borges, apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora das Neves de Pousalfores, diocese de Coimbra.

O presbytero Antonio Maria Torres, provido na thesouraria da igreja parochial dos Santos Reis Magos do Campo Grande, diocese de Lisboa.

O presbytero Francisco de Almeida Sampaio, provido no officio de contador do juizo ecclesiastico da diocese de Pinhel.

Declarados sem effeito o decreto de 29 de dezembro de 1876 e carta regia de 21 de março ultimo, pelos quaes se fizera mercê ao presbytero Justino Antonio Pereira do Paço da apresentação na igreja parochial de Nossa Senhora da Nazareth de Santa Eufemia, diocese de Pinhel.

**Fixação do algarismo da mortalidade das creanças de peito.**—O algarismo exacto da mortalidade das creanças de 1 dia a 1 anno custa a determinar, e temos de contentar-nos, em geral, com simples avaliações. Com effeito, allora

41

## FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

### OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

XXIII

Marianna e Rodrigues.

—Eu tinha os olhos sobre ti, mulher; eu vi tudo. E sabes o que te acobarda?... sabes o que te leva ao desespero? sabes o que te empurra para o tumulto? oh! tu o sabes, tu o sentes... é a consciencia do crime.

—Meu Deus!...

—Não ha veio bastante denso para esconder de todo os delictos: tarde ou cedo... tudo se descobre, e muitas vezes um homem, que commetten um crime abominavel, que se julga impune; porque acredita que todos ignoram a acção nefanda, que praticou; vai passando pela multidão com a cabeça levantada sem saber que outro está apontando para elle e dizendo:—alli vai um malvado!

—Oh! é verdade!

—Mulher, desde muito que eu sei a

tua historia: eu a sei mesmo muito melhor do que tu; vou repetir-t'a; escuta.

—Não... não...

—E' preciso que me ouças; quem sabe se dentro em pouco não estarás de joelhos a meus pés? escuta.

Marianna escutou com o rosto abrigado entre suas mãos.

O velho Rodrigues começou.

—No fim do anno de 1822, a cidade do Rio de Janeiro vivia a vida do entusiasmo e das festas; a independencia estava proclamada, os ferros colonias tinham sido quebrados com desprezo; o congresso nacional, a assembleia constituinte ia em breve reunir-se, e trabalhar na execução da grande obra; levantar o magestoso monumento. O povo entusiasmado da liberdade festejava a liberdade; os sarãos seguiam-se uns aos outros; o prazer estava em toda a parte.

Marianna exhalou, involuntariamente talvez, um suspiro de saudade.

—E no meio de mil formosas donzellas, que davam vida a essas festas, havia uma joven senhora, uma moça que acabava de sair da infancia, e que fazia o orgulho das sociedades, o martirio das outras moças.

Marianna sentiu apertar-se-lhe o coração.

—Era uma joven extrema e perigosamente encantadora: era morena, tinha os cabellos e os olhos negros e brilhantes, o rosto cheio de viveza e malicia, o pescoço garboso como o de um cygne; e toda ella era bemfeita; formosa e bem-

feita, que arrebatava: e tinha um olhar magnetico, fixo e ardente como o do tigre, um sorriso meigo e carinhoso que enleiticava; uma voz harmoniosa e tocante, e finalmente um andar que provocava: era uma mulher perigosa e terrivel... era capaz de ser o anjo da salvação, ou o demonio da perdição de um homem. Essa mulher immensamente encantadora chamava-se Marianna.

E Marianna suspirou de novo.

—Objecto de todas as atenções, os mancebos a rodeavam e festejavam de mil modos; os paes davam parabens ao pae da feliz moça; e as moças a invejavam; e as casadas tinham os olhos fitos em seus maridos por causa d'ella; e as mães a malqueriam por causa de suas filhas; porém Marianna orgulhosa de seus encantos passeiava por entre todas aquellas senhoras, e por entre todos aquellos homens, como o sol que faz o seu giro no espaço, escurecendo as estrellas, e espalhando sua luz por toda a parte.

E a viuva suspirou ainda uma vez.

—Idolo de tantos, idolo de todos os homens pelo menos, a indifferença de um era um insulto para essa moça tão bella, como vaidosa; era um insulto de que ella sabia vingar-se trabalhando por prender manietado ao seu carro o insolente, que se esquecera de vir queimar incenso aos pés da princeza das festas. Esse moça queria escravos adoradores, e presumptuosa aceitava todos esses cultos, concedendo ás vezes um olhar a este, um sorriso áquelle, uma palavra meiga áquel-

le outro, mas não dando o seu amor a nenhum.

—Fui assim; murmurou a infeliz.

—Todavia appareceu nas sociedades um homem, que não se lembrou de correr aos pés de Marianna; não era uma creança, nem um velho; ninguém lhe daria menos de vinte e seis annos, nem mais de trinta; estava livre, tinha coração, e portanto devia pretender agradar á bella moça; esse homem não courou d'isso; melancolico e abatido; sempre vestido de luto parecia tão occupado com suas magoas passadas, que não tinha tempo de admirar a belleza do dia. Esse foi a principio julgado uma fera bravia por Marianna, e portanto indigno de suas costumadas vinganças; depois ella mudou de opinião, entendeu que era um montanhez mal educado; depois acreditou-o insolente e orgulhoso, e depois...

—Provoquei-o!... balbuciou Marianna.

—Provocou-o; repetiu o velho. Leandro (era o nome d'esse homem) despertou ás provocações da bella moça; viu... viu então, e observou pela vez primeira esse diluvio de encantos e de graças, que a natureza tinha accumulado n'essa mulher, e não pôde resistir á necessidade de admirar-a; o amor tinha algum tempo antes aberto no coração de Leandro profundas feridas, que ainda não haviam cicatrizado; e pois elle fugiu de Marianna como de um perigo, de uma tentação, de um encanto insidioso.

—Offendeu a minha vaidade!

—Sim: offendeu a vaidade da mulher

os erros voluntarios dos estatísticos que fazem quadrar seus numeros segundo os resultados que querem obter, ou os factos que querem provar; ha causas d'eros consideraveis na differença das bases de observação adoptadas. E' bem evidente que se se contam como meninos de primeira idade as creanças de 1 dia a 2 annos, obtém-se uma mortalidade muito menos elevada que se se limitar a metter nos seus calculos as de 1 dia a 1 anno, pois que as probabilidades de morte diminuem em proporções notaveis desde que se alonga a epocha do nascimento. E' portanto muito difficil possuir algarismos certos, e principalmente cumpre desconfiar das estatísticas officiaes em similhante materia. Ah! vão dois exemplos que apoiam a nossa asserção: o primeiro tomamolo ao sr. dr. Brochard, o segundo ao sr. Husson:

O relatório do inquerito ministerial de 1862 sobre os meninos soccorridos acaba de apparecer. diz o primeiro d'estes auctores (*D. alleitamento materno*, p. 147), e de constatar no que respeita aos meninos soccorridos pelos hospícios da Gironda, o resultado maravilhoso de 11 0/0, que o veneravel cardeal, arcebispo de Bordeus, monsenhor Donnet, dirigia ao prefeito do departamento uma carta que ficou celebre, na qual s. em.<sup>a</sup> assignalavalle a mortalidade horrósa que dizimava estas pobres creanças; elle citava uma communa onde, sobre 24 creanças collocadas em 1862, eleva-se a 23 o numero das mortas. Na mesma epocha, um dos administradores do hospício queixava-se do mau estado do serviço e dizia que a mortalidade d'estas creanças era tal que uma das pessoas mais honradas de uma das communas do departamento tinha affirmado que os habitantes estavam persuadidos que a administração as collocava d'uma maneira tão deploravel com a intenção de desembaraçar d'ellas a sociedade. Estava-se longe, como se vê, do algarismo de 11 0/0, e entretanto, nota o sr. dr. Brochard, este erro continuou a subsistir nas estatísticas officiaes, e até serviu de ponto de comparação nas discussões.

Eis aqui o outro exemplo: Ha poucos annos, a prefeitura de policia, querendo dar conta da mortalidade dos meninos collocados pelas commissões particulaes, publicou uma nota impressa, onde o algarismo da mortalidade é de 14 0/0, algarismo inferior ao que é geralmente constatado para com os filhos legitimos cuidados por seus paes. Este algarismo pareceu tão maravilhoso, que o auctor da nota julgou-se obrigado a accrescentar que elle não podia offerecer senão idéa approximativa, que não podia ser dada como a expressão da realidade, e que finalmente parecia-lhe difficil que a mortalidade fosse menor de 19 ou 20 0/0.

«Esta facilidade, diz o sr. Husson (*Note sur la mortalité des enfants du premier âge dans la ville de Paris*, 1870, p. 36), com que se accrescentam arbitra-

riamente 4 ou 5 0/0 á mortalidade que dá o numero dos obitos, comparado ao das collocações, prova que não se póde ter confiança no valor d'estes algarismos»

Como quer que seja, eis aqui, á vista dos trabalhos dos snrs. Husson, Bertillon etc., os numeros médios que podem aceitar-se:

1.º Para a totalidade dos meninos de primeira idade: entre 17,50, e 18 0/0 (16,50 0/0) para os filhos legitimos, e 35,50 para os naturaes;

2.º Para as creanças pensadas em Paris, 24,50 0/0;

3.º Para as creanças collocadas pela direcção municipal das amas; 30,64 0/0; decompondo-se assim:

Mortalidade para os meninos alimentados ao seio, 20 0/0.

Dita para os meninos alimentados a secco: 49,50 0/0.

Se agora nos occupamos das creanças collocadas na ama pelas commissões particulaes, as parteiras, e outros intermediarios, chegamos ás médias de 43,50 e mesmo mais por cento, a respeito das quaes o sr. Boudet, eminente presidente das sociedades protectoras da infancia, exclamava ha poucos mezes:

«Eis aqui esta chaga viva e profunda que exgota incessantemente a seiva nacional, como cada dia se alarga mais, e fica aberta ás nossas vistas como sangui-nolento ultrage á humanidade e á patria. Esta chaga é esse sacrilego sacrificio das creanças da primeira idade que todos os dias se faz nos nossos campos; é o flagello da industria alleitativa, fructo do abandono do leite materno, que dizimam as nossas populações nascentes.»

Não se deve crer todavia que sob o ponto de vista da mortalidade dos meninos da primeira idade, os diversos departamentos não apresentam differenças consideraveis; assim, enquanto no pobre departamento da Creuse a mortalidade não excede a 40 0/0, as ricas provincias da Normandia, apresentam médias afflictivas de 25 a 26 0/0. E a razão é que no primeiro a alleitação maternal é habitual, e a industria alleitativa desconhecida, ao passo que nos segundos o peito materno é frequentemente substituído por uma alleitação artificial conhecida pelo nome d'elevage au petit pot.

E' possivel pois achar-se a razão das principaes causas da mortalidade das creanças; infelizmente os remedios não são tão facéis d'aplicar.

L. Lallemand.

**Plantas electricas.** — Conhecia-se já a mulher torpelha, o peixe torpelha. Eis que se acaba de descobrir na America uma planta d'esta ordem, pertencendo á familia dos Phytolaces.

Quando se corta uma parte d'esta planta, a mão experimenta uma sensação tão viva, como se recebesse um choque electrico d'uma pilha de Rumkhorf. Surprehendido d'este fenomeno, um sabio fez

uma experiencia sobre a planta com o auxilio da bussola; a sete ou oito passos, a influencia d'ella fazia-se já sentir.

O desvio da agulha era em razão da distancia; quanto mais se aproximava da planta, mais ligeiros se tornavam os seus movimentos, e emfim quando d'instrumento se collocou junto d'ella, aquelles transformaram-se n'uma rotação accelerada.

O solo sub-jacente não continha vestigio algum de ferro nem d'outros metaes magneticos; nada ha portanto que faça duvidar que esta qualidade não seja inherente á mesma planta.

A intensidade do fenomeno varia segundo as horas do dia.

A' noite é quasi nulla. A's duas horas da tarde attinge o seu maximo. Em occasião de tempestades, o seu poder augmenta; quando chove, a planta marcha. Não ha memoria de se verem empoleirarse passaros ou pousar insectos na *Phytolacea electrica*.

**A China e a Europa.** — O lugar de honra na China é o lado esquerdo.

Os europeus tiram o chapéo para demonstrar deferencia ou respeito a uma pessoa; lá pelo contrario cobrem a cabeça.

Na China os homens trazem tranças, as mulheres calças.

Lá, o jantar começa pela sobremeza e acaba com a sopa; o vinho bebe-se quente.

A primeira folha de um livro chin correspondente á ultima entre nós.

As linhas lêem-se debaixo para cima e da esquerda para a direita.

A data de uma carta começa pelo anno, seguindo logo o mez e acabando pelo dia, e é muito grosseiro o que não assigna a carta chamando-se a si próprio estúpido.

Dois chins ao conhecer-se, a primeira coisa que perguntam é a idade, coisa que entre os europeus se reputa altamente indiscreta, uas e outros acham-se de comum accordo em não dizer a verdade; o europeu supprime commumente alguns annos e o chin augmenta-os.

O europeu saudá um amigo dando-lhe a mão; o chin agarra-se ás suas proprias, e considera como a maior grosseria que lhe perguntem por sua mulher.

A formula européa de: «Como está a senhora?» substitue-se na China pela de: «Já jantou?»

Um europeu desafia a pessoa de quem recebeu um insulto: na China, não poucas vezes o offendido se enforca ás portas da casa do offensor, afim de que caiam sobre este as iras dos mandarin e perda de seus bens e a vida, pois a legislação chineza torna o inquilino responsavel dos crimes que se commettem deante de sua casa se não descobre os reus.

O sitio publico onde os europeus guardam maior compostura é no templo.

Os chins conversam em voz alta, riem e jogam nos pagodes.

No pateo de um d'elles em Pekin, acha-se estabelecido o mercado de cães.

**4:000 estudantes paliteiros.** —

Lêmos no «Conimbricense»:

O nosso collega da «Lucta» cita em o seu numero de quarta-feira, alguns dis-parates de escriptores estrangeiros, tanto antigos, como da actualidade, ácerca das cousas de Portugal.

N'esse genero ahi lhe apresentamos uma curiosidade, que achámos no — *État present du royaume de Portugal en l'année MD. CCLXVI*—impresso no anno de 1775 em Laurana.

Fallando da Universidade de Coimbra lê-se a paginas 212:

«Esta Universidade contém mais de 4:000 estudantes, que passam a sua vida na dissipação e na ignorancia. A sua principal occupação é de fazer pequenos ponteiros de salguiero, conhecidos em Hespanha e na Italia pelo nome de *palitos*».

Eis ahi como os estrangeiros escrevem ácerca de Portugal!

D'este mesmo livro poderíamos extrair muitos outros disparates. Limitar-nos-hemos ao seguinte.

Lê-se a paginas 217:

«Ha um numero consideravel de poetas portuguezes, alguns dos quaes são soffríveis. O melhor de todos e o mais conhecido nos paizes estrangeiros é Camões.»

«O seu poema, que intitulou mal a proposito as *Lusiadas*, porque elle se chamava *Luiz*, é versificado com enthusiasmo e fidelidade.»

**As plantas luminosas.** — M. Maddeu publicou a descripção d'algumas plantas da India que emittem na sombra uma luz florescente. Uma d'estas plantas foi descoberta por um indigena, que, obrigado pela chuva a procurar abrigo debaixo d'uma rocha, se viu surprehendido por uma especie de lençol de luz phosphorica sobre as hervas que o rodeavam. Estas plantas são conhecidas dos Brahmines com o nome de *Jyostimati*. Nas cercanias de Almorah, M. Maddeu encontrou outra planta luminosa, conhecida por um nome muito extranho que significa «planta que possui a luz».

Ha outras hervas que possuem tambem esta curiosa propriedade: em 1845 os habitantes de Sinlah inquietaram-se ao saber a noticia de que as montanhas proximas a Syrea estavam illuminadas por este meio economico e natural.

Uma planta, conhecida na Europa com o nome de *Dictamnus fraxitella*, possui a mesma qualidade, e como abunda em alguns picos do Himalaya, d'aqui a tradição d'um arbusto que arde continuamente e nunca o consome o fogo, tradição espalhada pelos peregrinos n'uma aldeia sempre disposta a deificar toda a manifestação nova e em particular do fogo.

O professor Hepslow explicou o fenomeno d'uma atmosfera inflammavel n'uma noite em calma ao redor do *Dictamnus fraxitella*, pela evaporação d'um azeite volatil, e accrescenta: «Se se apro-

altiva; e ella jurou ser, a todo custo, dona d'aquelle coração; desde o momento em que concebeu um tal proposito. Marianna esqueceu todos os seus antigos adoradores, e sem o pensar queimou incenso por sua vez aos pés de um homem...

—Amei-o!...

—Sim; a vaidade de Marianna fella amar a Leandro. Todos os meios de sedução de que ella podia dispor foram postos em campo... o homem não resistiu. Marianna e Leandro amaram-se.

—Oh! foi assim mesmo!...

—A' primeira hora de declaração de amor seguiram-se dias de embriaguez e de felicidade inconcebivel, e seguiu-se uma noite de paixão delirante... de prazer fe-roz...

—Oh! basta.

—Teve lugar em um dos arrebalde da córte uma brilhante festa campestre; havia um sarão no meio das flôres... um lago cercado de luzes... um bosque de arbustos floridos adiante... encanto em toda a parte. Leandro e Marianna acharam-se presentes á festa; dansaram juntos, e foram juntos passear pelo jardim. Esqueceram o mundo e os homens... lembraram-se unicamente de seu amor... e primeiro vagaram por entre as flôres... depois conversaram espelhando-se nas aguas socegadas do lago... e depois entraram no bosque.

—Oh!...

—O interior do bosque era sombrio; fóra soava a musica terna e maviosa; den-

tro exhalavam-se embriagadores perfumes; mas... outra vez o bosque era sombrio... senhora! Leandro e Marianna perderam-se no bosque.

—Perderam-se! balbuciu dolorosamente a viuva.

—Quando voltaram para de novo tomar parte na festa, Marianna estava pallida, e Leandro mais que nunca apaixonado.

—Elle sabe tudo! disse a pobre mulher.

—No dia seguinte, proseguiu o velho, Leandro foi visitar o pae de Marianna, e pediu-lhe a mão da bella moça; o casamento foi ajustado; deveria celebrar-se d'ahi a um mez: no entretanto Leandro e Anacleto ligaram-se, como bons amigos.

—Ah!... por bem pouco tempo!...

—E' verdade; a intolerancia politica veio logo separar-os; com effeito o ministerio da independencia, o gabinete de Andrada acabava de cair; homens accusados de sympathia pelo antigo sistema subiram ao poder; a população dividiu-se em dois campos inimigos, e a exaltação dominou em ambos. Anacleto extremava-se defendendo as velhas idéias; Leandro representava as novas, que pouco antes haviam triunfado. Um dia o velho e o moço encontraram-se defronte um do outro em completo antagonismo; o exaltamento de ambos inspirou-lhes palavras desabridas, e o pae de Marianna estendendo o braço mostrou ao noivo de sua filha a porta por onde devia sair para

não tornar mais nunca á sua casa; ficaram inimigos irreconciliaveis.

—Oh! foi assim!

—Anacleto ordenou a sua filha que esquecesse para sempre o *feroz republicano*; e a desgraçada que já não tinha o direito de esquecer-o, não teve animo de cair aos pés de seu pae e de confessar-lhe, que havia commettido um erro, e que sentia fortemente as consequencias d'esse erro. Mais ainda; Anacleto fez-se perseguidor de Leandro, que se viu obrigado a viver occulto durante alguns mezes d'essa época tão calamitosa. No entretanto, senhora, tinham chegado do campo dois amigos de Leandro; dois amigos, que não hesitariam em dar a vida por elle; o infeliz abriu-lhes o coração... contou-lhes tudo; e João e Rodrigues, os dois amigos, tomaram sobre seus hombros o encargo de observar Marianna, de velar por ella...

Marianna levantou um pouco a cabeça.

—Como lamentavas tu, mulher vaidosa, a desgraça do homem que te amava?... como choravas tu, mulher impudente e louca a tua propria desgraça?... alegre e festiva tu te embriagavas de novo com os prazeres da córte... os sarãos... os passeios... a vida de loucuras continuava sempre!... parecia até esquecida de ti mesma; ah! sim! mulher, a tua cabeça não se lembrava de teu seio.

Marianna tornou a esconder o rosto entre as mãos.

—O teu viver exasperava o infeliz Leandro, que não podia estar a teu lado, e que escondido te via apenas pelos olhos de seus dois amigos. Elle comprehendeu, que não serias nunca uma esposa estremosa e devotada em corpo e alma a seu marido; e todavia o pensamento unico que occupava, a idea que lhe roubava o somno, era a divida immensa, que te ficára devendo: suspirava pela liberdade para salva te; e sabendo que sorrias no mundo, que te sorrias, mulher, tu que devias chorar, o infeliz chorava em dobro... chorava por ti... e por si.

Marianna não disse nada; conhecia-se porém que estava soffrendo muito.

—No entretanto, proseguiu o velho Rodrigues; o tempo corria... as perseguições continuavam; a assembleia constituinte tinha sido dissolvida... os mais extremados patriotas deportados; Leandro não podia ainda apparecer. Foi então que soubemos, que Marianna havia deixado a córte para passar algum tempo com uma velha parenta estabelecida na roça. Compreendemos o fim da viagem, e um dos amigos de Leandro, eu, senhora, fui encarregado de seguir Marianna. Compenetrei-me da delicadeza de minha missão, e decidindo a tudo arrostar, tive uma conferencia particular com a velha parenta da amante de Leandro.

—Basta! balbuciu Marianna; vejo que nada ignora... nem do que falta... mas basta.

(Continúa)



